

nara roesler

50

## as formas do tempo

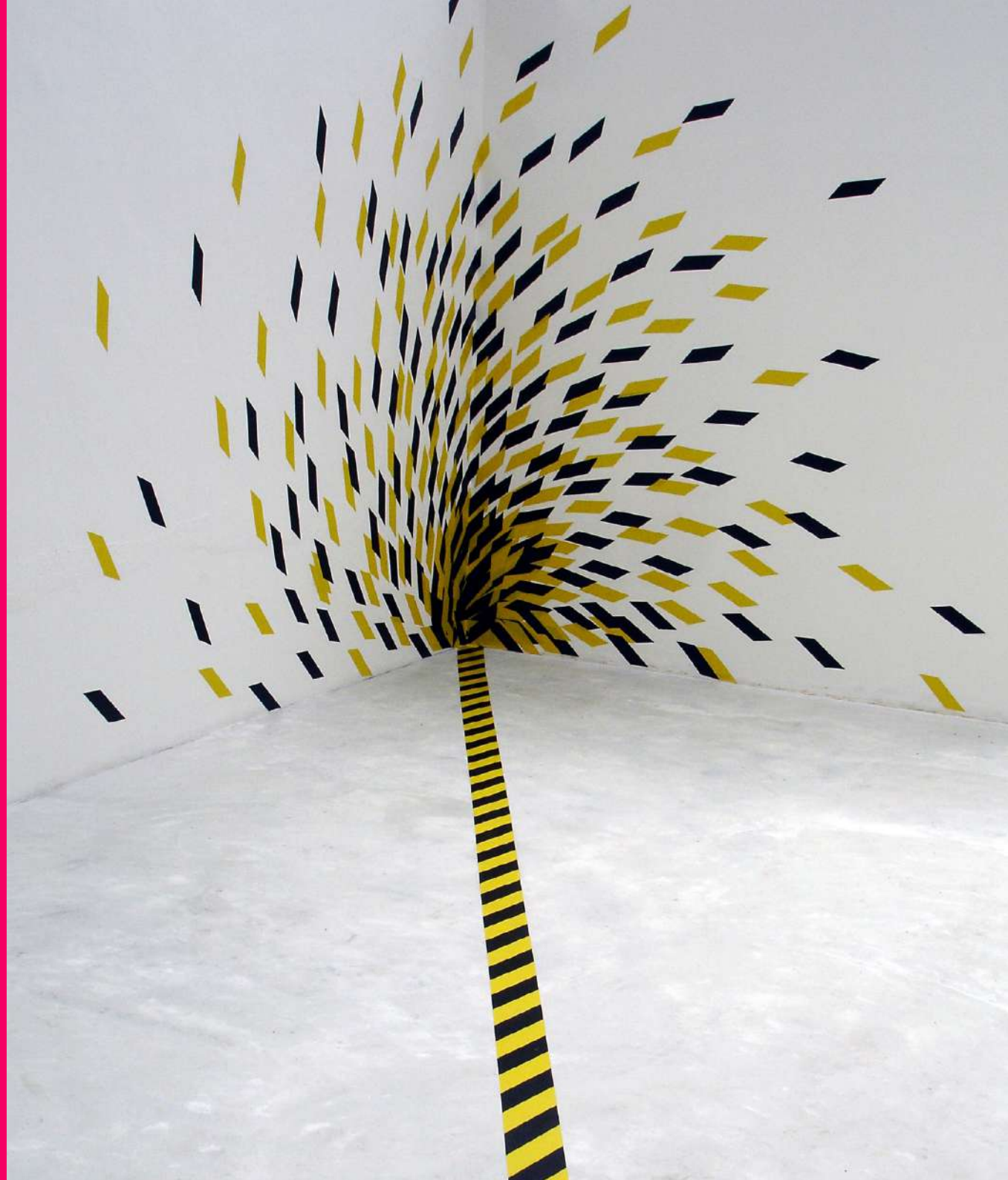
curadoria bernardo mosqueira  
e ana clara simões lopes  
(curadora assistente)

terceira exposição do ciclo  
de mostras em celebração  
aos 50 anos de atuação de  
nara roesler como galerista

**nara roesler rio de janeiro**

**abertura** 25 de junho

**exposição** jun– ago, 2026



nara roesler

50

“De 1976 a 2026, de Recife a São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris, Londres ou Hong Kong, Nara Roesler construiu uma cartografia simbólica marcada por transformar periferias em centro, resgatar artistas e revelar novos talentos.

Para comemorar sua trajetória, a galerista ativa seus espaços em São Paulo, Rio de Janeiro e Nova York com exposições coletivas temáticas, em diálogo com curadores convidados como Moacir dos Anjos, Agnaldo Farías, Magali Arriola, Vik Muniz, Ariel Jimenez e Bernardo Mosqueira.

As mostras abordam eixos centrais de sua trajetória: o diálogo com a arte brasileira além dos polos dominantes, o apoio a nomes históricos, o investimento na abstração, a abertura ao contemporâneo internacional e a ampliação da presença global da arte brasileira.”

—Luís Pérez-Oramas

## as formas do tempo

bernardo mosqueira

Há algo do tempo que não se entrega à medida. A memória o inventa e há algo do tempo que não se pode apreender. Aquilo que dura, que se faz forma, que organiza um gesto ou sedimenta uma matéria carrega sempre uma zona de opacidade, algo que não se converte em medida. Um mistério que resiste à transparência do relógio e do calendário.

Completando 50 anos de Nara Roesler como galerista, a galeria propõe “As formas do tempo” – uma reunião de trabalhos de épocas e gerações distintas que partilham um mesmo chão, o Rio de Janeiro, como território onde durações se encontram, empilham e criam rugosidade. Aqui, o tempo se faz matéria que pesa e resiste; condição em que a forma se desenrola e acontece; rastro daquilo que já não pode ser desfeito; e construção do que foi possível inscrever. Formas pelas quais o que dura toma forma.

A exposição reúne artistas que sedimentaram, junto de Nara Roesler, seus 50 anos de história neste chão, e, outras ainda não representadas cujas obras mostram que essas formas seguem ativas, e que a matéria do tempo segue se formando.

—  
Maria Klabin  
*3 da tarde*, 2025  
tinta óleo sobre linho  
100 x 80 x 3 cm



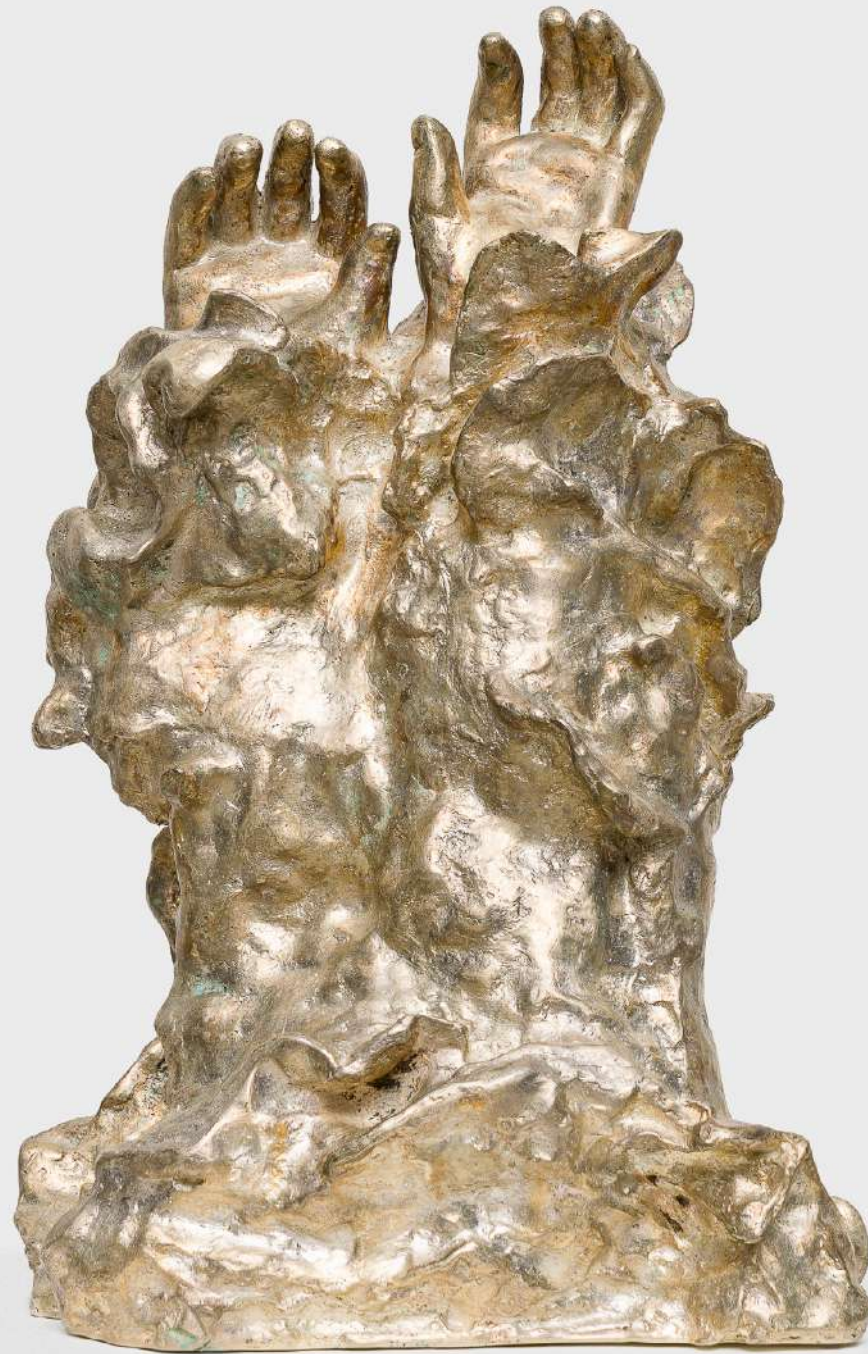


Carlito Carvalhosa  
*Sem título (série Dedinhos)*, 1992  
cera, gesso, argila e pigmento  
sobre tela sobre madeira  
31,5 x 31,5 x 5,5 cm





Brígida Baltar  
*Outro mergulho*, 2018-2024  
bronze com banho de prata  
Escultura: 50 x 36 x 30 cm |  
Base: 97,7 x 45 x 37 cm





---

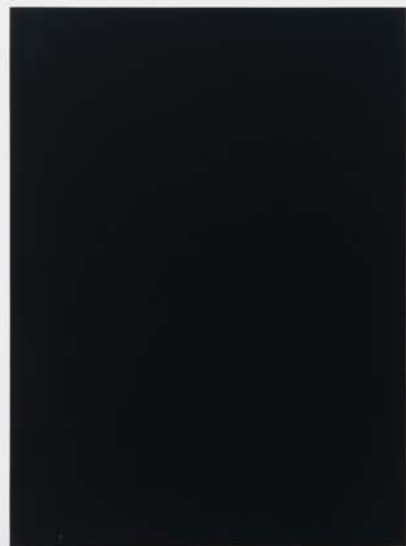
Maria Klabin  
7 da noite, 2025  
tinta óleo sobre linho  
100 x 80 x 3 cm





Marcelle Nascimento  
*Ensaio sobre a fuga: Fazer as imagens  
viverem fora de si*, 2026  
tinta acrílica, massa acrílica,  
giz pastel oleoso, lápis de cor, argila,  
fibra de bananeira, crochê em lã  
e costura em linha de algodão sobre tela  
158 x 110 cm





---

Antonio Dias  
*Black Mirror*, 1968  
madeira e fórmica  
30 x 22,2 x 5,5 cm



André Griffo  
*O massacre dos inocentes*, 2023  
tinta óleo e folha de ouro  
sobre compensado naval  
177 x 210 cm







Guilhermina Augusti  
*Noite eterna*, 2024  
tinta acrílica sobre tela  
70 x 100 x 4 cm



Elian Almeida  
*Alumia o teu povo em procissão*  
(Igreja e Convento de  
São Francisco, Salvador), 2024  
tinta acrílica e tinta óleo sobre tela  
153 x 176 cm





Ana das Neves  
*Caminhantes ao horizonte*, 2024-2025  
penas, gouache, giz pastel oleoso  
e giz pastel seco sobre tela e madeira  
200 x 160 x 120 cm





Antonio Dias  
*AH!*, 1964  
tinta óleo sobre gesso  
sobre aglomerado  
48 x 37 x 4 cm





Raul Mourão  
*Mais luz #2*, 2013  
aço corten  
edição única  
49,5 x 30 x 43 cm





---

Hélio Oiticica  
*Metaesquema*, 1958  
guache sobre cartão  
50 x 61 cm





---

Cristina Canale  
*Queda*, 1990  
técnica mista sobre tela  
250 x 115 cm





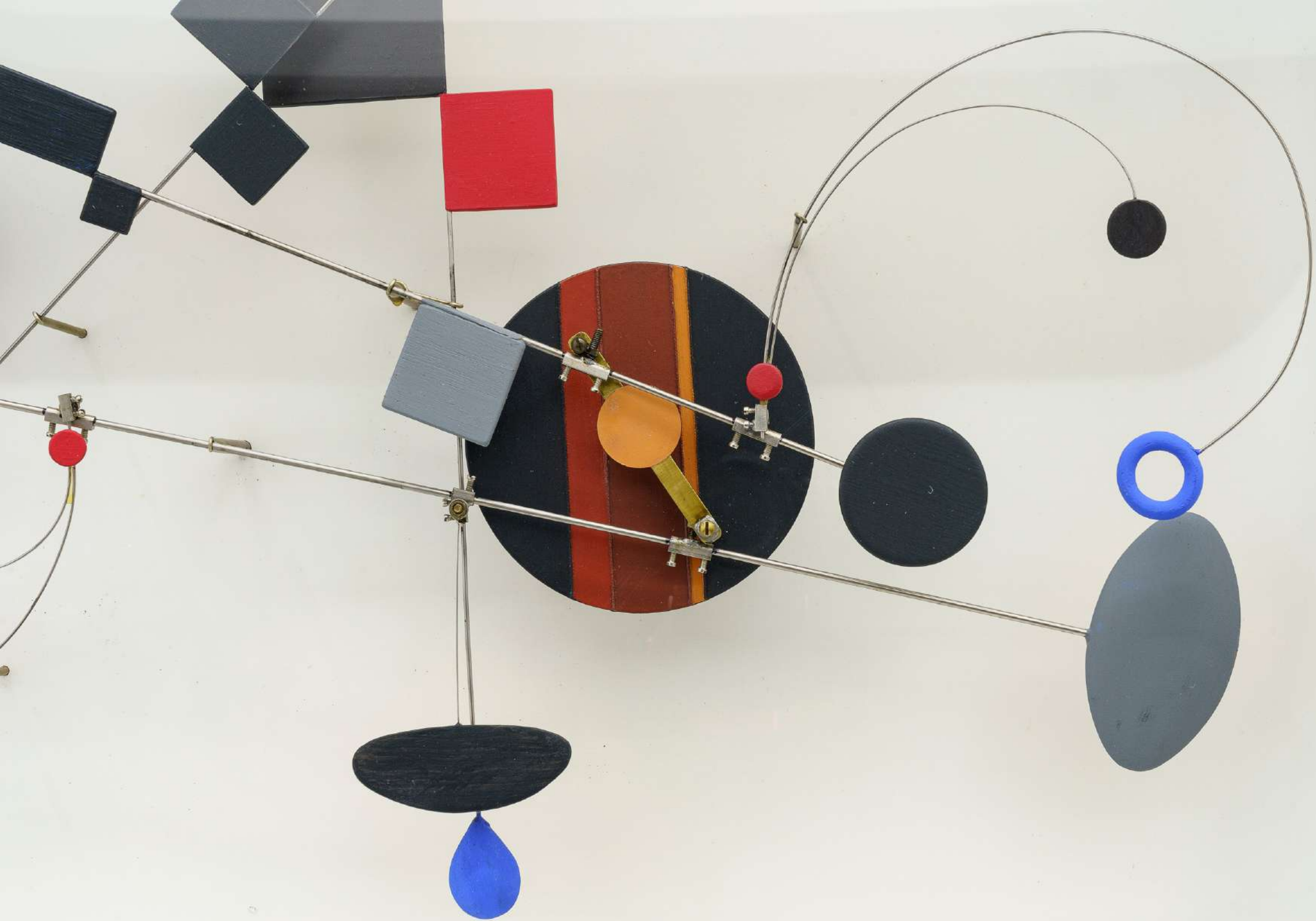


---

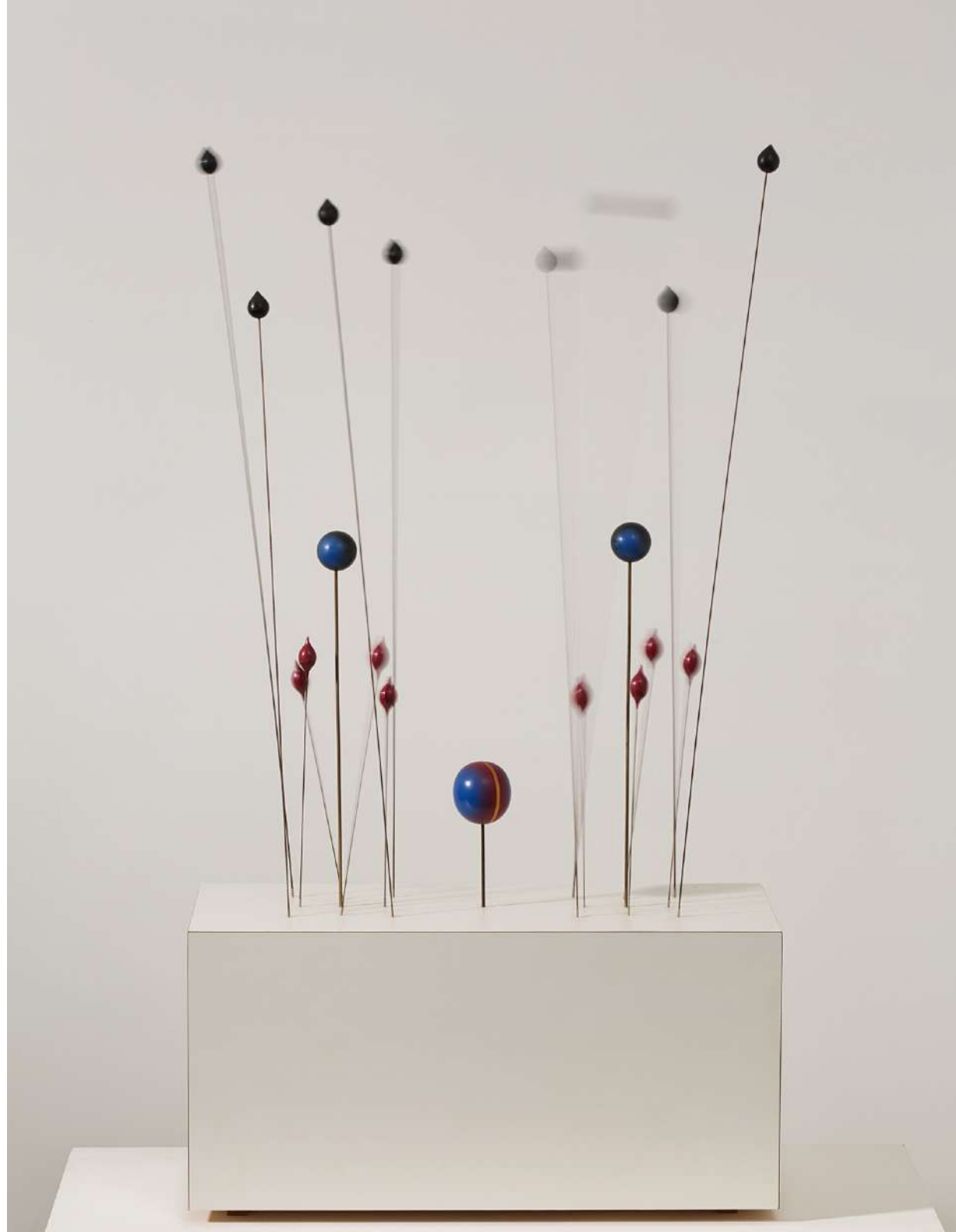
Marcos Chaves  
*Fontana*, 2006  
Instalação com fitas adesivas  
de sinalização urbana  
edição de 3 + 1 PA  
dimensões variáveis | site specific

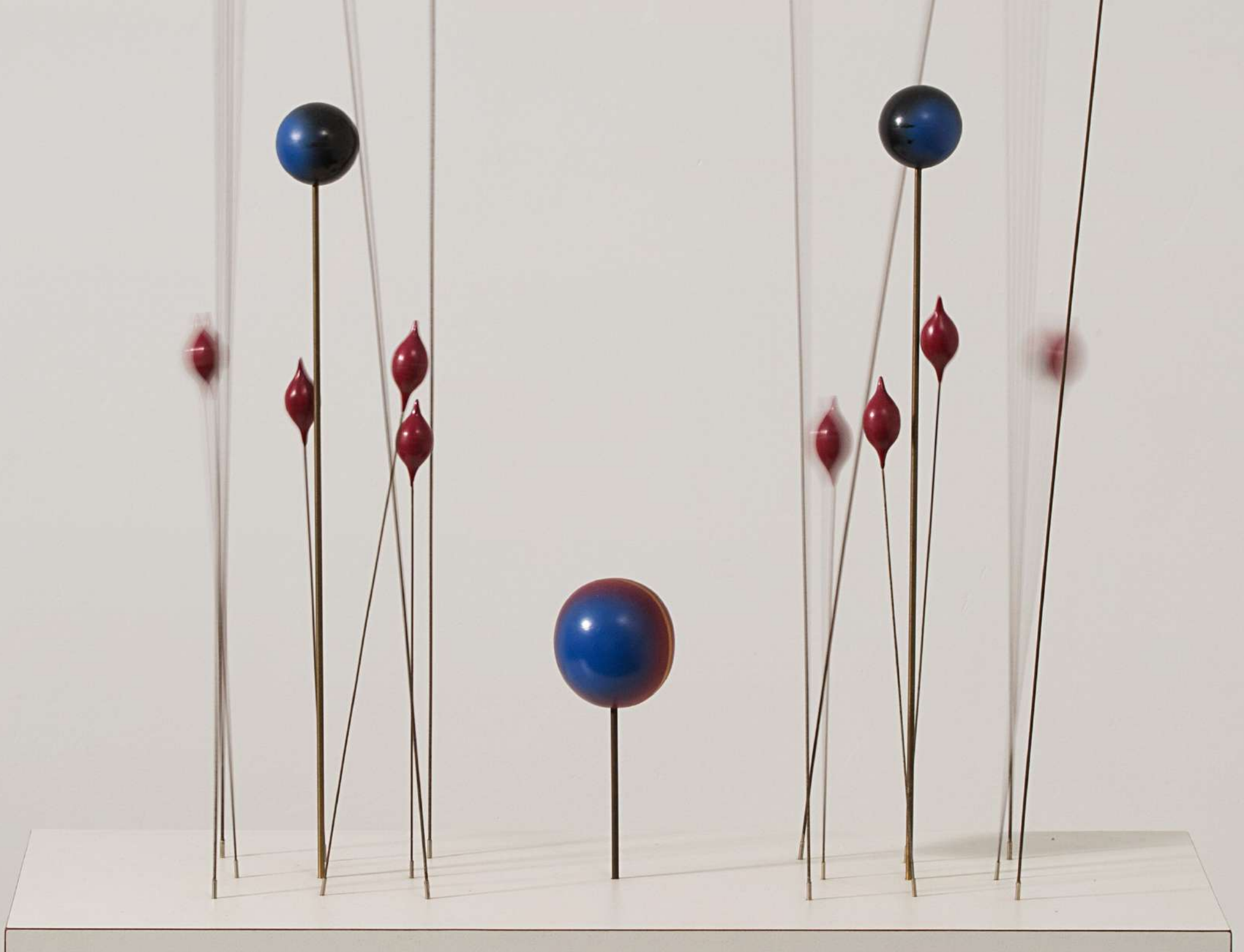
Abraham Palatnik  
*Objeto cinético KK-9a*, 1966/2009  
madeira, motor, fórmica e aço  
unique  
61 x 98 x 17 cm





Abraham Palatnik  
*Objeto cinético P-28*, 1971 / 2000  
madeira, fórmica, tinta acrílica,  
metal e motor  
unique  
100 x 54 x 23 cm





Alice Miceli  
*Projeto Chernobyl I*  
*Fragmento do*  
*tronco de uma árvore I I*  
6.920  $\mu$ Sv 2007/2010  
reprodução positiva  
de negativos radiográficos  
ed 1/5 + 2 PAs  
30 x 40 cm



Vik Muniz  
*Museum of Ashes: Seashell fossil,*  
*Paris Bay, 45 million years, 2019*  
impressão de jato de tinta  
em papel archival  
76,2 x 101,6 cm

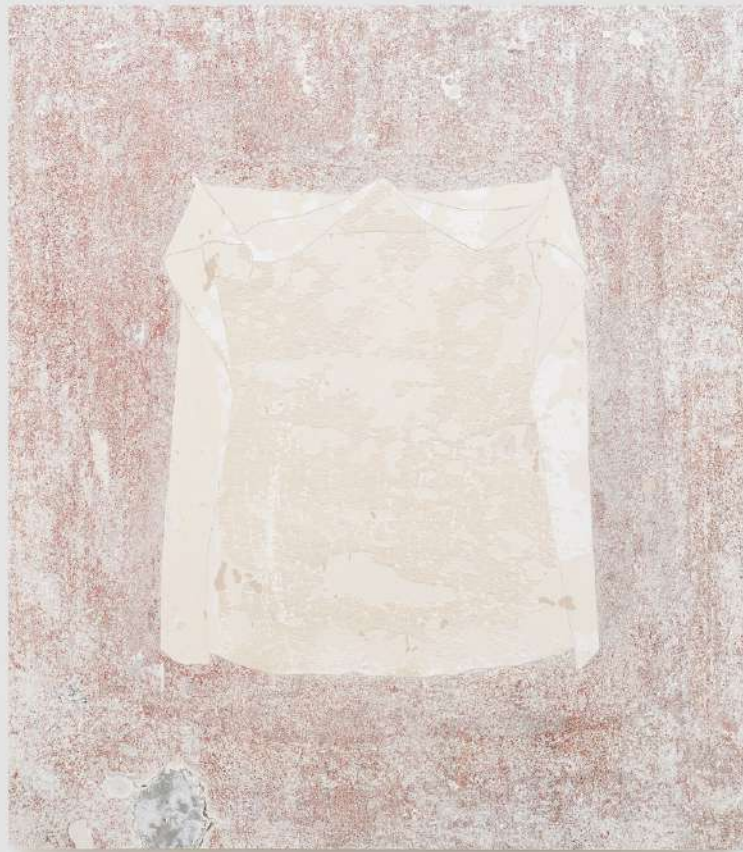




---

Angelo Venosa  
*Sem título*, 1994  
parafina, pigmento  
e dentes de boi  
unique  
23 x 23 x 4 cm

Daniel Senise  
*Verônica*, 2024  
monotipia de parede  
em tecido e medium acrílico  
144 x 126 cm





Daniel Senise  
*Wanderley Pinho*, 2019  
impressão em sublimação  
sobre placa de alumínio  
120 x 180 cm







---

Manoela Medeiros  
*Ruina (telhado)*, 2022  
tinta acrílica, massa acrílica,  
pigmento mineral e escavação sobre tela  
220 x 160 x 5 cm

---

Brígida Baltar  
*Torre*, 1996  
VHS transferido para SD,  
p&b, sem áudio  
edição de 4 + 2 PA  
3'03"



Brígida Baltar  
*Sem título*, 2002  
vidro, pó de tijolo  
e cola PVA sobre tijolo  
21,5 x 11 x 8,5 cm





---

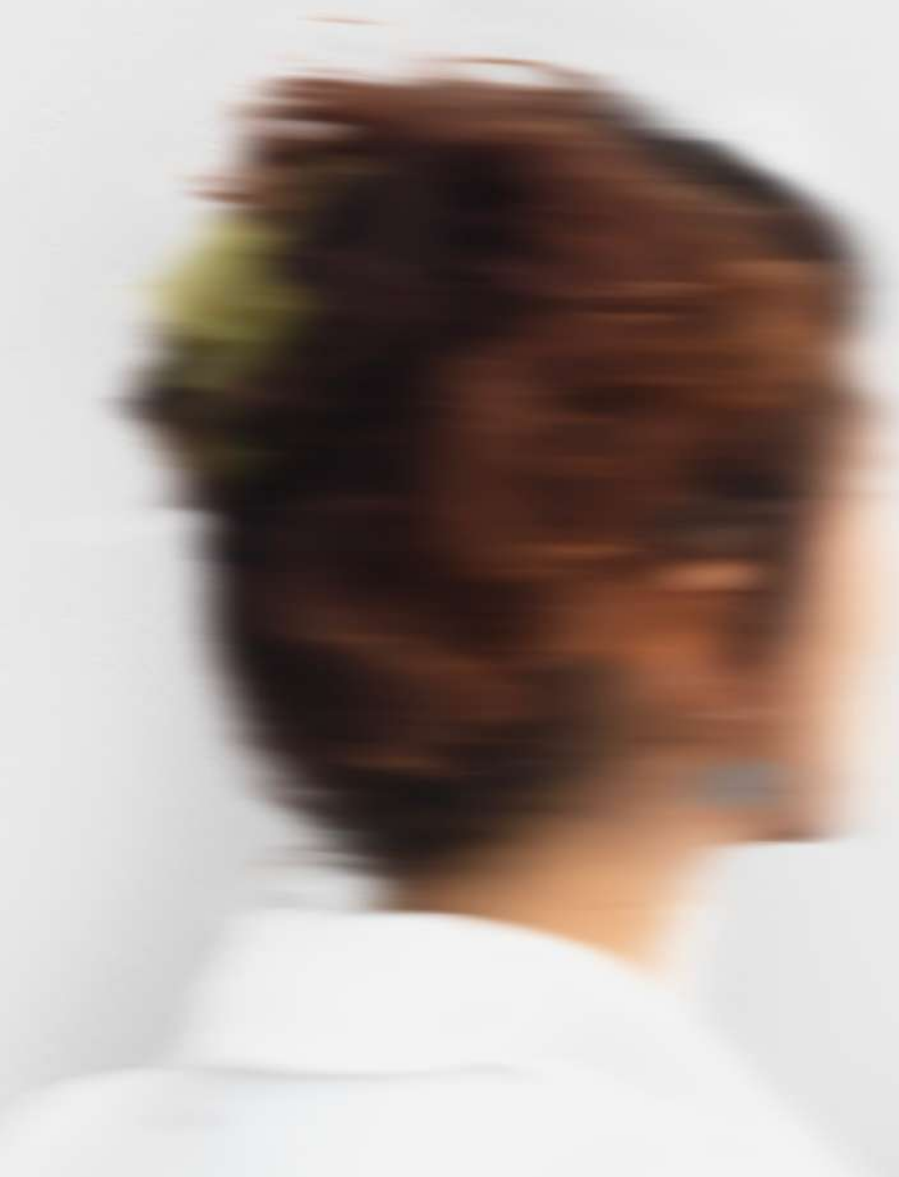
Brígida Baltar  
*Sem título*, 2002  
vidro, pó de tijolo  
e cola PVA sobre tijolo  
21,5 x 9,5 x 8 cm





---

Brígida Baltar  
*Sem título*, 2002  
vidro, pó de tijolo  
e cola PVA sobre tijolo  
22 x 10,5 x 8 cm





---

Brígida Baltar  
*Sem título*, 2005  
fotografia  
edição de 3 + 2 PA  
30 x 40 cm







---

Carlito Carvalhosa  
*Já estava assim  
quando eu cheguei*, 2015  
resina, mármore e madeira  
edição de 6  
90 x 133 x 130 cm



nara roesler — 13 anos  
de galeria no rio de janeiro



Nara Roesler e artistas  
no Rio de Janeiro, 2014  
Foto: Leo Aversa

Daniel Buren  
*Voile/Toile – Toile/Voile*  
*(Vela/Tela – Tela/Vela)*, 2026  
Rio de Janeiro  
Foto: Vicente de Mello





vista da exposição  
*Vik Muniz - A Olho Nu*, 2026  
Centro Cultural Banco do Brasil,  
Rio de Janeiro  
Foto: Mario Grisolli



vista da exposição  
*Brígida Baltar: Pontuações*, 2024  
Museu de Arte do Rio (MAR)  
Rio de Janeiro



vista da exposição  
*André Griffo - Alto Barroco, 2025*  
Paço Imperial, Rio de Janeiro



vista da exposição  
Marcos Chaves: *as imagens que nos contam*, 2021  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio),  
Rio de Janeiro

vista da exposição  
*Academia*, 2014  
Galeria Nara Roesler,  
Rio de Janeiro



vista da instalação de Marcos Chaves  
*Academia*, 2014, Rio de Janeiro



vista da exposição  
*Cristina Canale - dar forma  
ao mundo, 2024*  
Casa Roberto Marinho,  
Rio de Janeiro



Dan Graham  
*Whirligig (Molinete)*, 2019,  
Coleção Fundación PROA,  
Foto: Fabio Souza



vista da exposição  
*Angelo Venosa: Escultor, 2023*  
Casa Roberto Marinho,  
Rio de Janeiro

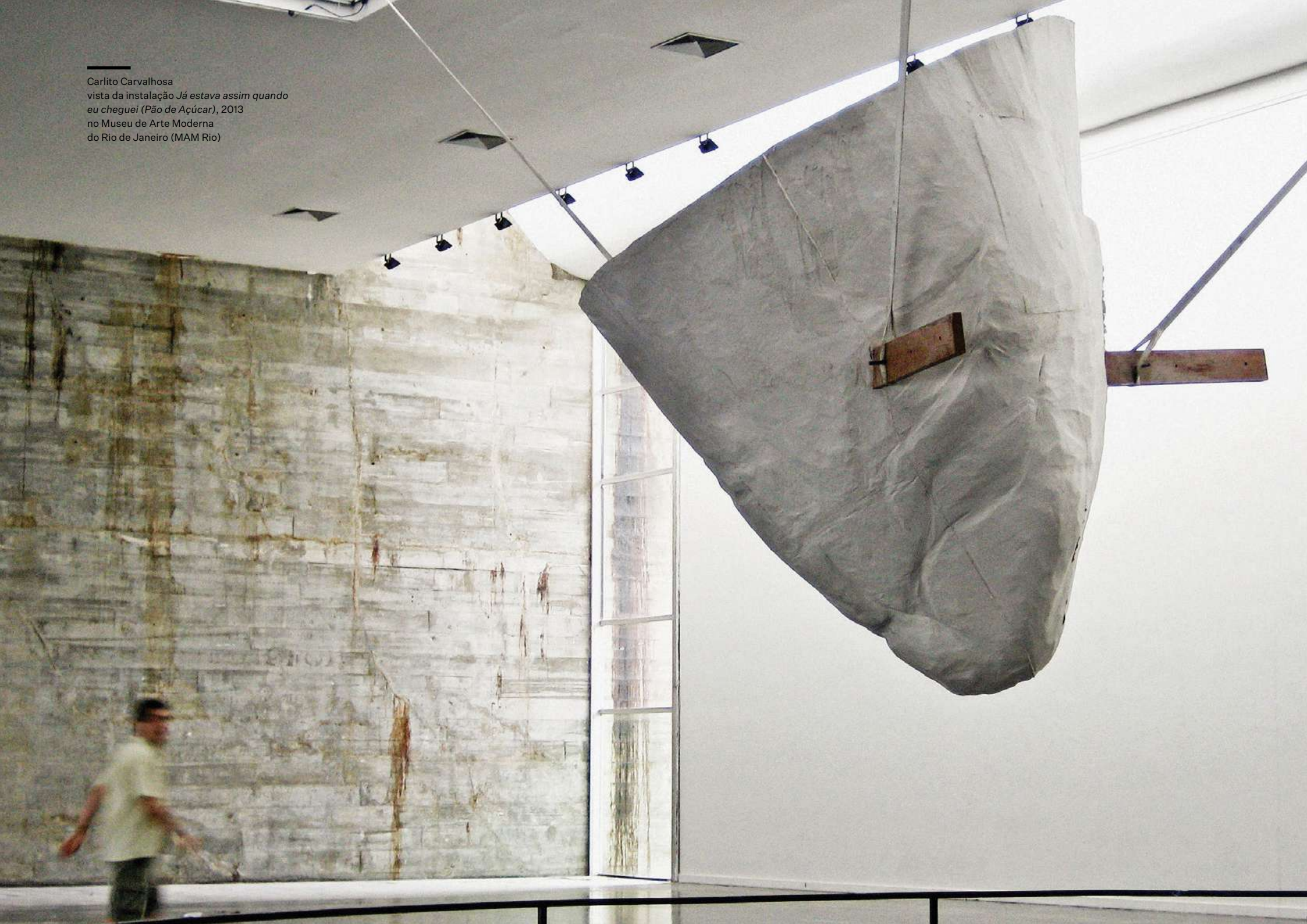


---

Angelo Venosa,  
*Sem título (Baleia)*, 1990  
Praia do Leme, Rio de Janeiro  
Foto: Vicente de Mello



Carlito Carvalhosa  
vista da instalação *Já estava assim quando  
eu cheguei (Pão de Açúcar)*, 2013  
no Museu de Arte Moderna  
do Rio de Janeiro (MAM Rio)



vista da exposição  
*O rio (e o voo) de Amelia no Rio*, 2023  
Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil



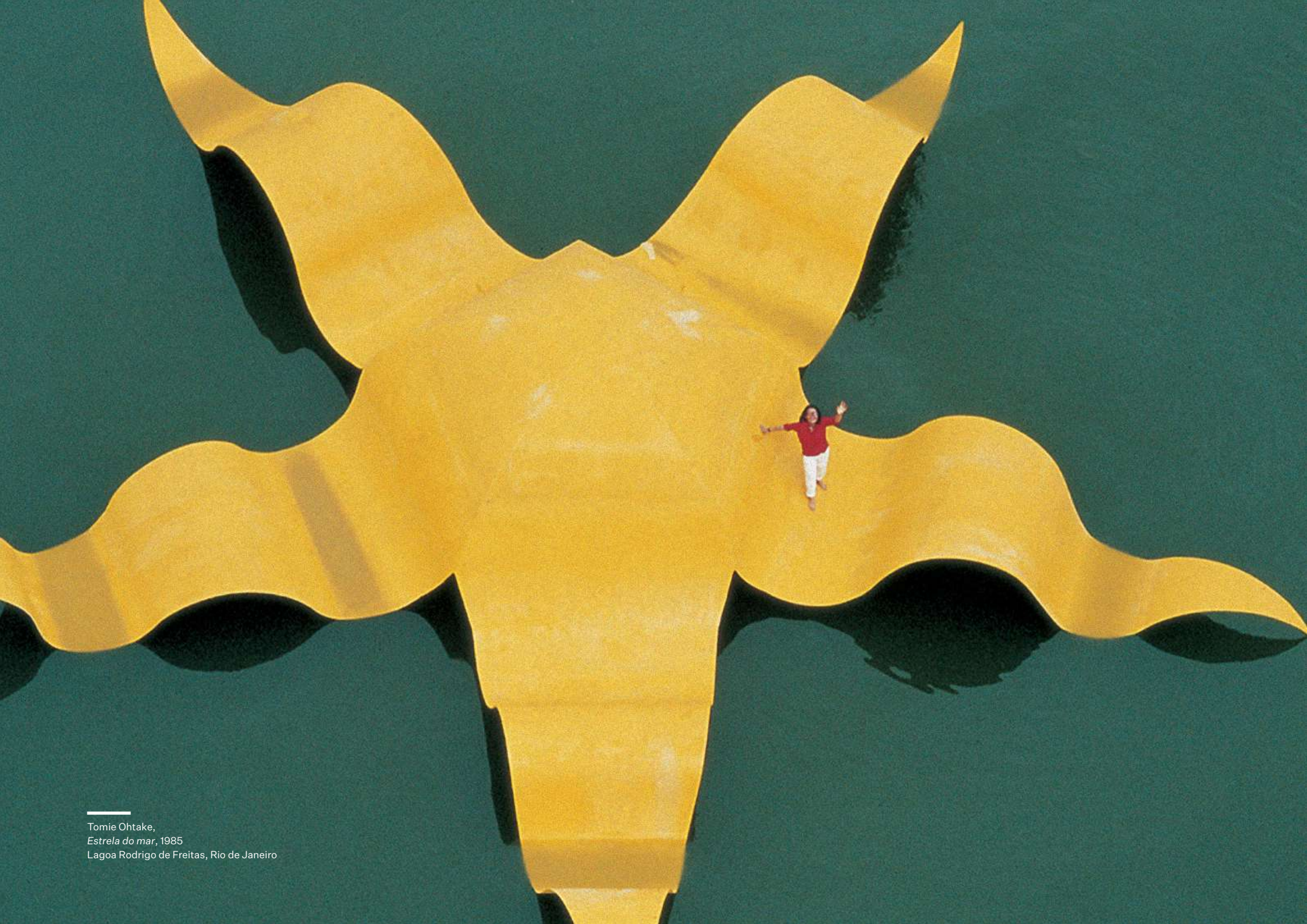


Amelia Toledo,  
*Palácio de Cristal*, 1998.  
Estação de metrô  
Cardeal Arcoverde, Rio de Janeiro



Embarque

Amelia Toledo,  
Estação de metrô  
Cardeal Arcoverde, Rio de Janeiro



---

Tomie Ohtake,  
*Estrela do mar*, 1985  
Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro



Daniel Buren, *Photo-souvenir: A Cabana explodida*, 2015  
Parque do Penhasco Dois Irmãos, Rio de Janeiro

vista da exposição de Jaime Lauriano,  
*Aqui é o fim do mundo*, 2023,  
Museu de Arte do Rio (MAR)  
Rio de Janeiro





---

Manoela Medeiros, 2024  
Ipanema, Rio de Janeiro

---

vista da instalação  
*Essa luz dorme acesa*, 2026  
Marcos Chaves em parceria  
com Artrio, Rio de Janeiro





---

Julio de Parc na inauguração  
de sua exposição no Rio de Janeiro

vista da instalação  
Lugar Geométrico, 2023  
Raul Mourão na Casa França-Brasil,  
Rio de Janeiro



vista da instalação  
*Not Vital: Tirando Onda*, 2025  
Museu de Arte Contemporânea de Niterói  
(MAC-Niterói), Rio de Janeiro



---

## maria klabin

n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho “como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores.”

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Língua d'água*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Liquid Air*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Paisagem com Casinha*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Entre rio e pedra*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *E o dia havia acabado*, quando começou, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)

## exposições coletivas selecionadas

- *Abrasive Paradise*, Kunsthal KADE, Amstersfoort, Países Baixos (2022)
- *In Waiting: Works Produced in Isolation*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *Já estava assim quando eu cheguei*, Ron Mandos, Amsterdam, Holanda (2020)
- *Festival de Arte Contemporânea*, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012)
- *Novas aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006)
- *Além da imagem*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)

## coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

---

## **carlito carvalhosa**

n. 1961, São Paulo, Brasil

m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Carlito Carvalhosa - A Metade do Dobro*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2024)
- *A Natureza das Coisas, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2024)*
- *Matter as Image. Works from 1987 to 2021*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor, Projeto Parede*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Sensory Poetics: Collecting Abstraction*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
- *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
- 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
- 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

## **coleções selecionadas**

- Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

---

## **daniel senise**

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Biógrafo: Daniel Senise*, Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
- Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México (1994)
- Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

## **exposições coletivas selecionadas**

- 18ª, 20ª, 24ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985, 1989, 1998, 2010)
- 11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011)
- 44ª Bienal de Veneza, Itália (1990)
- 2ª Bienal de La Habana, Havana, Cuba (1986)

## **coleções selecionadas**

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

---

## brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: A Pele da Planta*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2025)
- *Brígida Baltar: Pontuações*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

## exposições coletivas selecionadas

- *Histórias da Ecologia*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2025)
- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

## coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

---

## antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzeiros, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Search for an Open Enigma*, Sharjah Art Foundation, Sharjah, EAU (2024)
- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

## exposições coletivas selecionadas

- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

## coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Sharjah Art Foundation, Sharjah, Emirados Árabes Unidos
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

---

## andré griffo

n. 1979, Barra Mansa, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe de discursos panfletários, sua obra investiga as violências que estruturam as narrativas da história do Brasil, com atenção à permanência dos efeitos da economia escravocrata e ao papel das instituições religiosas na formação de imaginários. Apropriando-se de repertórios da história da arte, Griffo constrói espaços atravessados por anacronismos, nos quais a justaposição de elementos heterogêneos evidencia a persistência de estruturas de poder.

Em um novo corpo de paisagens abstratas, esse procedimento se desdobra a partir do isolamento e da ampliação de fragmentos paisagísticos antes inscritos em composições figurativas. Suas pinturas passam a operar como superfícies densas, marcadas por gestos e camadas cromáticas que evocam ruínas e sedimentações do tempo, onde instauram um campo ambíguo em que memória, sonho e história se entrelaçam.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Alto Barroco*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Exploded View*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Voarei com as asas que os urubus me deram*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Objetos sobre arquitetura gasta*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2015)
- *Predileção pela alegoria*, Galeria Athena, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

## exposições coletivas selecionadas

- *From the Ashes*, People's Palace Project, Londres, Reino Unido (2024)
- *Contratempo*, Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc Vídeo Brasil, São Paulo, Brasil (2019)
- *Intervenções*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Ao amor do público*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Aparições*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Instabilidade estável*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2013)

## coleções selecionadas

- Denver Art Museum, Denver, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

---

## **cristina canale**

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

### **clique para ver o cv completo**

#### **exposições individuais selecionadas**

- *Cristina Canale - dar forma ao mundo*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *A Casa e o Sopro*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2024)
- *Memento Vivere*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)

- 
- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
  - *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
  - *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
  - *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
  - *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
  - *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

#### **exposições coletivas selecionadas**

- *Fullgás: Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft*, Lichthof – Auswärtiges Amt, Berlim, Alemanha (2013)

#### **coleções selecionadas**

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Hall Art Foundation, Reading, EUA
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

---

## marcos chaves

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de fotografias, instalações, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Sangue Azul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Marcos Chaves: as imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)
- *Logradouro*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2004)

## exposições coletivas selecionadas

- 15ª Bienal de Havana (2024)
- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011)
- Manifesta 7, Bolzano, Itália (2007)
- *All About Laughter – Humour in Contemporary Art*, Mori Art Museum, Tóquio (2006)
- 1ª e 4ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

## coleções selecionadas

- Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália
- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

---

## abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro *Aparelho cinecromático* (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

## exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

## coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

---

## raul mourão

n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou em 1989 os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, a pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

[clique para ver cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Cage Head*, America's Society, Nova York, EUA (2023)
- *Lugar Geométrico*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Viva Rebel*, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Toque devagar*, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

## exposições coletivas selecionadas

- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, EUA (2016)
- *Bienal de Vancouver 2014–2016*, Canadá (2014)

## coleções selecionadas

- ASU Art Museum, Tempe, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

---

## **hélío oiticica**

n. 1937, Rio de Janeiro, Brasil

m. 1980, Rio de Janeiro, Brasil

Um dos artistas brasileiros mais influentes da segunda metade do século XX, Hélio Oiticica iniciou sua carreira como pintor e, progressivamente, foi se voltando para uma obra mais efêmera, dinâmica e voltada para a performance, que culminou em instalações de grandes dimensões. Sua intensa produção artística foi constantemente acompanhada por reflexões prolíficas e perspicazes sobre os rumos da arte contemporânea. Ele participou ativamente do movimento concretista como membro do coletivo Grupo Frente (1955–56), mas, a partir do final da década de 1950, ao se filiar ao Grupo Neoconcreto (1959), sentiu a necessidade de se libertar da bidimensionalidade e começou a criar obras de arte mais radicalmente sensoriais e interativas.

Assim nasceram as séries Relevos e Núcleos espaciais, os primeiros exemplos de uma pesquisa sobre cor e espaço que acabaria levando à criação dos Bólides e, especialmente, dos Penetráveis, instalações em grande escala que o levaram a ser convidado para expor na Whitechapel, em Londres (na famosa exposição Eden de 1969). Controverso e irreverente, ele sempre defendeu a riqueza poética e ética das formas de vida marginalizadas (Seja marginal, seja herói), o que se traduziu em obras pulsantes como seus Parangolés, que são provavelmente o exemplo mais direto e conciso de sua aspiração de fundir arte e vida.

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Helio Oiticica, Dia Art Foundation*, Beacon, EUA (2025)
- *Helio Oiticica: Mundo Labirinto*, Casa SP-Arte, São Paulo, Brasil (2023)
- *Hélio Oiticica*, Lisson Gallery, Nova York, EUA (2020)
- *Hélio Oiticica: A Dança na minha experiência*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Helio Oiticica: To organize delirium*, Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2017)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *Minimal : Pinault Collection*, Bourse de Commerce, Paris, França (2025)
- *Waiting for Tear Gas*, Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA (2022)
- *This must be the place: Latin American artists in New York (1965-1975)*, The Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *AI-5 50 Anos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2018)
- *Géométries Américaines: Du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2018)

•

## **coleções selecionadas**

- Art Institute of Chicago (AIC), Chicago, EUA
- Museo de Arte Latino-Americano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Guggenheim Abu Dhabi, Abu Dhabi, EAU
- Inhotim Centro de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil
- Los Angeles County Museum of Art (LACMA), Los Angeles, EUA
- The Metropolitan Museum of Art, New York, EUA

---

## angelo venosa

n. 1954, São Paulo, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

No início da década de 1970 frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. Em 1974, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Na década de 1980, assiste a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da chamada “Geração 80”. Venosa se distingue de grande parte dos artistas de sua geração, marcada pela retomada da pintura, por ter se dedicado à escultura. Seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua, emanando referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

Sobre seus trabalhos, sintetiza o crítico Lorenzo Mammi: “Ainda mais adequado, talvez, para comentar essas obras, seja um trecho de *A montanha mágica*, de Thomas Mann: “O que era, então, a vida?... era uma febre da matéria... Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d’água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco.”

“A precisão técnica da análise e o prazer artesanal da construção, sempre presentes nos trabalhos de Venosa, concorrem para construir não um objeto, mas um corpo, com todas as ressonâncias de alheamento e ameaça que esse termo possa ter. A mosca acaba incorporando a máquina, ou vice versa, no entanto, no resultado final, a vida permanece como um ruído surdo, irredutível, inquietante.”

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Angelo Venosa*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Angelo Venosa*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Angelo Venosa: Escultor*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- Projeto Clareira, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2021), São Paulo, Brasil
- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife (2014); Palácio das Artes, Belo Horizonte (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

## exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás: Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 45ª Bienal de Veneza, Itália (1993)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

## coleções selecionadas

- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

---

## milton machado

n. 1947, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Em seus primeiros trabalhos, majoritariamente desenhos realizados durante o período da ditadura, Milton Machado usava sua formação em arquitetura para criar projetos e relatos aparentemente lógicos que, na realidade, eram fictícios e inviáveis. Ao longo das décadas seguintes, o artista aumentou progressivamente a escala de sua produção e ampliou a diversidade dos gêneros utilizados, passando a incluir objetos, esculturas, vídeo, fotografia e grandes instalações. Ainda assim, continua explorando a tensão produzida pelo questionamento dos modelos de conhecimento científico que resultam de suas indagações artísticas.

Com suas intervenções, Milton Machado cria ou evidencia relações que são surpreendentes e reveladoras, preenchendo lacunas entre campos teoricamente separados: indústria e arte, arquitetura e imagem, família e política etc. Evitando conexões explícitas, ele usa a crítica e o humor misturados a um tom de profunda ironia e desilusão, de modo a criar narrativas visuais inventadas. Destaca-se, na sua obra, a série *História do futuro*, em andamento há 40 anos: uma fábula urbana que mescla teoria crítica, arquitetura e planejamento urbano, para discutir os movimentos dinâmicos e imprevisíveis da vida e morte de uma cidade ficcional.

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Arte não. Desenho*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Cabeça*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte; Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Mão pesada*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2013)
- *X*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2016)

## exposições coletivas selecionadas

- *In Memoriam*, Caixa Cultural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Em polvorosa*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Made in Brasil*, Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Imagine Brazil*, DHC/ART Foundation for Contemporary Art, Montreal, Canadá (2015)
- *Where the streets have no name*, CSS Bard and Hessel Museum of Art, Nova York, EUA (2014)

## coleções selecionadas

- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Essex Collection of Art from Latin America (ESCALA), University of Essex, Colchester, Reino Unido
- Museo Civico Gibellina, Gibellina, Itália
- Museo de Arte de Lima, Lima, Peru
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

---

## vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

[clique para ver cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Vik Muniz - A Olho Nu*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brazil (2026)
- *Vik Muniz - A Olho Nu*, Instituto Ricardo Brennand, Recife, Brasil (2025)
- *Flora Industrialis*, Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

## exposições coletivas selecionadas

- *Language and Image: Conceptual and Performance-based Photography from the Jorge M. Pérez Collection*, Pérez Art Museum of Miami (PAMM), Miami, EUA (2025)
- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images*, Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion*, Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society*, Museum of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

## coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

---

## manoela medeiros

n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

[clique para ver o cv completo](#)

---

## exposições individuais selecionadas

- *Tropical Still Life*, Palo, Nova York, EUA (2025)
- *Comment naissent les formes*, Double V, Marselha, França (2025)
- *O carnaval da substância*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Concerto a céu aberto*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- *L'être dissout dans le monde*, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- *Poeira varrida*, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)

## exposições coletivas selecionadas

- *Rasura*, Nara Roesler Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (2026)
- *Primer Aviso*, *Space Julio*, Paris, França (2024)
- *Ni Drame Ni Suspense*, *Friche Belle de Mai*, Marselha, França (2023)
- *Afirmacão - Brésil, l'affirmation d'une generation*, La Galerie du Jour, Paris, França (2023)
- *Arqueologias no presente*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Recycler / Surcycler*, Fondation Villa Datris, L'Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- *Reservoir*, 019, Ghent, Bélgica (2020)
- *Vivemos na melhor cidade da América do Sul*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Espaces témoins*, na Praz Delavallade, Paris, França (2018)
- 67eme Prix Jeune Création, Thaddaeus Ropac, Paris, França (2017)
- 62ème Salon Montrouge, em Paris, França (2017)
- *Hall-statt*, Galeria Fortes D'Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- *In Between*, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- 11º *Abre Alas*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

---

## **guilhermina augusti**

Guilhermina Augusti (n. 1996, São Paulo, Brasil) é uma artista radicada no Rio de Janeiro cuja produção articula serigrafia, pintura, arte digital, bandeiras e escrita. Sua pesquisa investiga as noções de corpo a partir de perspectivas dissidentes de humanidade, aproximando a materialidade dos objetos a questões de natureza, geometria, signos Adinkra – sistema visual originário de povos da África Ocidental, composto por símbolos que condensam valores, conceitos filosóficos e conhecimentos ancestrais – e fabulação.

O trabalho de Guilhermina Augusti integra o conjunto de obras que investigam história, arquivo e memória. Sua pesquisa dialoga com legados gráficos da arte negra brasileira, refletindo sobre permanência, transmissão e continuidade de narrativas visuais ao longo do tempo.

---

## **marcelle nascimento**

Marcelle Nascimento (n. 1999, Belém, Brasil) é artista visual e historiadora formada pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Vive e trabalha entre o Pará e o Rio de Janeiro. Sua produção investiga as relações entre espiritualidade, território e ancestralidade por meio da pintura, do desenho e da argila, criando imagens que evocam águas, entidades e ciclos da natureza. Transitando entre cenas oníricas e rituais cotidianos, explorando a porosidade entre mundos visíveis e invisíveis.

A obra de Marcelle Nascimento aborda processos de aparecimento e desaparecimento a partir da pesquisa sobre as ilhargas amazônicas. O trabalho relaciona transformação da paisagem, construção de narrativas históricas e permanência de saberes ancestrais.

---

## ana das neves

Ana das Neves (n. 2000, Rio de Janeiro, Brasil) é artista visual cuja prática abrange instalação, desenho, pintura, fotografia e vídeo. Sua pesquisa investiga as relações entre seres vivos, paisagem e território a partir de uma abordagem sensível aos vínculos entre humano e não humano. Recorrendo a elementos como astros, corpos d'água, paisagens e formas orgânicas, a artista desenvolve trabalhos que exploram transformação, ancestralidade e temporalidades cíclicas, propondo deslocamentos de perspectiva e evidenciando as relações de interdependência que constituem a experiência de estar no mundo.

A instalação de Ana das Neves articula memória, território e ancestralidade. Partindo da história dos guarás em Guaratiba, bairro do Rio de Janeiro, a artista reflete sobre ciclos de desaparecimento e retorno, aproximando a recuperação da ave da retomada de narrativas indígenas vinculadas ao território.

---

## mayra carvalho

Mayra Carvalho (n. 1997, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil) é artista visual com raízes no povo Iny (Karajá). Sua produção articula cerâmica, escultura, desenho, som e instalações, investigando as relações entre território e ancestralidade. A partir do barro, do ferro, de sementes e de outros elementos naturais, desenvolve obras que evocam ventos, águas, corpos e entidades, aproximando cosmologias indígenas e afro-diaspóricas de uma pesquisa formal marcada pelo movimento, pela transformação e pela escuta dos materiais.

Na exposição, Mayra Carvalho participa do núcleo dedicado aos movimentos e temporalidades da natureza. Suas obras, realizadas com materiais como barro e encáustica, evocam estados de transição e transformação, aproximando fenômenos naturais, memória da matéria e dimensões espirituais.

---

## **fátima aguiar**

Fátima Aguiar (n. Rio de Janeiro, Brasil) é artista visual, escultora e pesquisadora de materiais. Formada em Escultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com passagem anterior pelo curso de Geologia, desenvolve uma prática que investiga as relações entre matéria, corpo, território e paisagem urbana. Sua produção mobiliza materiais como asfalto, cimento e tinta asfáltica para refletir sobre os vestígios da ação humana no ambiente e as transformações geológicas e políticas do espaço contemporâneo.

A presença de Fátima Aguiar na exposição está ligada à investigação de escalas temporais que ultrapassam a experiência humana. Suas esculturas evocam processos geológicos de longa duração, convidando o público a refletir sobre o tempo profundo da formação da matéria.

nara roesler

50

---

**são paulo**

avenida europa, 655  
jardim europa, 01449-001  
são paulo, sp, brasil  
t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor, 241  
ipanema, 22421-030  
rio de janeiro, rj, brasil  
t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21<sup>st</sup> street  
new york, 10011 ny  
usa  
t 1 (212) 794 5038

---

[info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)

[www.nararoesler.art](http://www.nararoesler.art)